

Euclides da Cunha, Artur Ramos e Gilberto Freyre

(Conclusão da página 10)

toramento, na Universidade de Columbia. A famigerada tese que intenta explicar a história do Brasil pela monocultura da cana de açúcar da sociedade escravocrata e patriarcal do Nordeste, sub-área do litoral pernambucano. Dentro daquele esquema regional, que é uma verdadeira idéia fixa, o nosso intrépido desbravador de Apipucos procura encaixar toda a evolução do povo brasileiro, analisado como processo simplista em que o africano pontifica, já racial, já culturalmente. E os absurdos, então, se sucedem, numa linha geral de comparações, confrontos e equiparações de estarrecer, como iremos ter ocasião de verificar.

Sendo um autêntico intérprete do Brasil Interior, com seus currais e seringais infundáveis, onde o elemento étnico entra em completo desacordo com as injuntivas premissas das monografias de Freyre, teria, forçosamente, Euclides de cair no desagrado do mesmo.

Assim, resumindo, temos os seguintes defeitos, incorreções ou imperfeições de Euclides e sua obra-prima: nada tinha de helênico; demonstrava a mania de engrandecer e glorificar, em repentes esculturais, ou, seja, a tendência ao monumentalismo; não gostava das formas arredondadas, que lembram as curvas femininas; redigia com dificuldade, e "Os Sertões" constituiu livro de colaboração; foi um generalizador apressado, incapaz de uma grande caracterização; em suma, uma cultura falha, em todos os terrenos, a quem devemos fazer restrições em nossa perigosa mania dos aplausos incondicionais.

Começemos com a pretensa carência de helenismo em Euclides.

Desde logo, não será necessário dizer o que se deva entender por semelhante expressão. O logicismo da frase, a clareza do pensamento, a precisão do termo, tanto quanto a riqueza de idéias e imaginação, são, sem dúvida, requisitos necessários a qualquer estilo com pretensões a ático ou com vislumbres de estética. Pois, tudo isso (e mais o *humour* que Freyre lhe nega) vamos encontrar em seus escritos. Aliás, é de um brilhante sociólogo francês — o Prof. Roger Bastide — a afirmativa de que, lendo Euclides, ele se acha mais em casa do que quando lê Machado de Assis. E que povo, mais que o francês, herdou as grandes qualidades da gente do Olimpo?

Agora, que Euclides tivesse a mania de engrandecer e glorificar, tal nada representa de extraordinário, porquanto, na literatura em geral, abundam os casos dos paisagistas estatificantes ou dos retóricos magníficos, sem que, no entanto, a nenhum deles possamos ligar Euclides. Nele, a paisagem, às vezes, se dinamiza, movimenta, agride e cria, conquanto, quando necessário, tenha ele o raro pendor de tudo reduzir à inércia, para que melhor se possa processar o reajustamento ambiente geral-agente contemplativo. Ademais, como já tivemos ocasião de dizer, que outra expressão, que não a sublime, tem o condão de traduzir os miríficos feitos da epopéia? Sem o escultural, sem o termo adequado e grandiloquente, ou sem a imaginação criadora a exaltar-lhe as linhas mestras, nenhuma obra épica resiste ao peso dos anos.

Quanto ao fato de evitar Euclides as formas arredondadas ou quaisquer curvas que lembrem a natureza em seus prolixos relevos de carne e excitação, isto nada diz contra o seu estilo, uma vez que vem deixar claro, como é o próprio autor quem reconhece, em outro ponto, que aqui é o matemático que se nos depara, com a sua frase comedida, na qual a idéia parece enclausurar-se, numa disciplina rígida, cheia de ângulos, de austeridade ascética, de relevos masculinos, como convém ao cenário dos sertões. Ao contrário dos ambientes moles das casas grandes e senzalas, nas caatingas, não há fugir ao dilema "mata ou morre", em que a aridez desértica exclui qualquer conceito de lazer concupiscente, como fôra do gosto do sociólogo de Apipucos. E, em troca, que nos apresenta Freyre como estilo próprio? Apenas nebulosidades e repetições monstruosas, tudo vazado numa linguagem, por vezes, de autêntico baixo-callô,

sem as virtudes da forma de expressão de Euclides e com muito mais defeitos.

Expurgado dos termos impronunciáveis e das idéias menos decentes, semelharia um desses jogos infantis, em que se forjasse a monótona sequência da palavra final a iniciar novas frases: tem havido incidentes; incidentes provocados por agitadores; agitadores que nos chegam da Moscúvia; Moscúvia de Pero Botelho, e assim por diante. Aliás, essa infantilidade inexplicável, esse insosso retorno à imatura quadra das parcerias de malungo, aparece bem evidente em outros escritos de Freyre. Quem quer que tenha lido "An Interpretation of Brazil", livro escrito para o público de língua inglesa, ter-se-á certificado da veracidade do que afirmamos. Aquele seu ar de colegial queixoso, como que a dar parte ao professor (no caso, os Estados Unidos) do geito peralta do colega (a Argentina) tem qualquer coisa que cheira a saudosismo do canavial...

Prossigamos. Eis se nos depara, a esta altura, a pretensa dificuldade que Euclides sentia em redigir, o que lhe teria valido a ajuda de amigos.

Que Euclides sentisse dificuldade em redigir notas de jornal, é coisa que todos sabemos, porque poucos intelectuais servem para tais misteres de importância minguada. O mesmo, ainda, é lícito dizer da pouca facilidade que teria para esboçar perfis ou traçar paralelos, já que o genial artista era um eterno torturado da forma, um incansável e insaciável burilador da frase. O que não está certo, porém, é querer o sr. Freyre insinuar que "Os Sertões" seja resultado da colaboração de Teodoro Sampaio, Orville Derby e outros. Se alguma participação tiveram, não passou de esclarecimentos nas respectivas especialidades, procedimento bem normal, a que não escapa nem o próprio Freyre.

Finalmente, analisemos a pecha de generalizador apressado, com que vamos encerrar esta palestra.

Acreditamos que já se disse o suficiente para que o escritor pernambucano não seja levado a sério, quando fala em generalizações apressadas de outrem. Porque, quem, como ele, tem lutado para forçar o esquema escravocrata da cana de açúcar ao resto do Brasil; quem, como ele, paradoxalmente, combatendo todos os racismos, engendra o afro-brasileiro, para concluir pela superioridade da inteligência do baiano sobre os demais brasileiros; como se o fenômeno não fôsse antes de natureza histórica, pois que, sem dúvida, a Bahia foi a primeira capital do Brasil, tendo as primeiras escolas; quem, como ele, prega que o caboclo ou mameluco é, no Brasil, figura de retórica, cada vez mais, uma alma do outro mundo; quem, enfim, como ele, procura equiparar os jovens ilhéus e os vaqueiros do Nordeste ao escravo africano, unicamente para diminuir o opróbrio da nefanda instituição à custa dos mesmos; quem procede assim, de boa ou má fé, não importa, não pode falar em generalizações apressadas.

E quanto a culturas falhas, seja-nos lícito obter uma que a dele, Gilberto, por vezes, dá a impressão de ser de leitura de relance ou de capítulos interessantes. Não fôra assim, por que não se estende ele sobre o assunto das bandeiras, da história do Rio Grande, da Amazônia, do Brasil Central e outros pontos do nosso território? Por que não discorre sobre os conhecimentos anatómicos e, mesmo sociais, entre os índios do Brasil? Por que não menciona a cooperação indígena no século XVI, tão bem estudada por Marchant?

Muito mais teríamos que perguntar.

Encerremos esta palestra. Façamo-lo, porém, ao contrário do que escreveu Euclides em seu livro máximo. Aqui, em meio à incerteza e à vertigem, uma luz sempre estará a guiar-nos, pelos meandros: a que dimana da fonte eterna de seu gênio incomparável!